

Insa integra audiência pública na Comissão de Desenvolvimento Regional do Senado Federal



Crédito Foto: Pedro França/Agência Senado

Na ocasião, foram debatidas soluções tecnológicas para a convivência com a estiagem no Semiárido brasileiro

REÚSO DE ÁGUA



MOSTRA



PALESTRA



Mostra de cinema apresenta as histórias de convivência com o Semiárido

Os filmes foram resultado de oficinas realizadas com jovens, educadores e quilombolas. Mostra é gratuita e acontece no dia 1º de dezembro, em Nova Palmeira (PB)



Protagonistas do projeto Semiárido em Tela destacam experiências de convivência em seus curta-metragens

Atualmente, o município de Nova Palmeira, semiárido paraibano, a 180 km de João Pessoa, não dispõe de sala de cinema e nem locadora de vídeos. Mas há alguns anos, houve um senhor chamado Seu Adonias que comprava filmes em Campina Grande e os levava para serem exibidos na cidade.

A história de Seu Adonias e de muitos outros moradores são temas de curtas-metragens produzidos por jovens de 12 a 28 anos, educadores da rede pública de ensino e representantes quilombolas, que serão exibidos na primeira edição da Mostra de Cinema Semiárido em Tela, no dia 1º de dezembro, às 18h, na Praça de Eventos O Cirilão, no

Centro. Será mais uma das ações do projeto Semiárido em Tela, cuja proposta é aproximar a ciência da população por intermédio do cinema.

Na mostra gratuita, serão exibidos oito filmes: *“Comunidade Quilombola Serra do Abreu”, “Cine Caruso: Por trás das câmeras”, “Plantas Mediciniais: um projeto que deu certo”, “A Mulher que mentia para vender santos”, “Centro de Educação Popular”, “Pinturas Rupestres de Nova Palmeira”, “Artesanato” e “Nova Palmeira”*. Todos os curtas-metragens são produções documentais que recontam as histórias de convivência com o Semiárido a partir de ações desenvolvidas pelos próprios moradores e parcerias



Serviço:

Mostra Semiárido em Tela

- Dia 1º de dezembro de 2013
- A partir das 18h
- Praça de eventos O Cirilão, em frente à igreja matriz, centro de Nova Palmeira (PB)
- Entrada franca

Parcerias:

Ong Cenep

Prefeitura de Nova Palmeira (PB)

Cine Mandacaru

encontradas pelo caminho.

Dona Josefa é um exemplo disto, com a colaboração do Centro de Educação Popular (Cenep) de Nova Palmeira, e do Centro de Organização Popular (Ceop) do município de Picuí (PB), ela reuniu o conhecimento que já tinha com o aprendizado adquirido com as formações realizadas pelas entidades e construiu em seu quintal de hortaliças, que mesmo em períodos mais secos, supre suas necessidades de alimentos.

Os curtas-metragens que integrarão a Mostra são produções de até cinco minutos filmadas nas zonas rural e urbana de Nova Palmeira. “Eles produziram o roteiro, filmaram, fizeram tudo. O Semiárido em Tela é um resultado do trabalho deles. O nosso objetivo agora é colaborar para que se crie um cineclube no município que promova debates, mostras, oficinas sobre a produção fílmica para dar continuidade ao trabalho iniciado pelo projeto”, afirma Kel Baster, coordenadora do Semiárido em Tela.

Todos os documentários produzidos foram resultados de oficinas promovidas pelo Projeto Semiárido em Tela, uma parceria entre o Cine Mandacaru e o Instituto Nacional do Semiárido (Insa/MCTI), e tem como objetivo pesquisar, capacitar, registrar e difundir a ciência e a tecnologia por meio do cinema, sendo a própria população protagonista na produção de obras audiovisuais. A proposta consistiu na realização de uma fase piloto do projeto, iniciada em agosto no município de Nova Palmeira. Foram realizadas oficinas de introdução ao cinema, roteiro, fotografia e produção de vídeos. O Semiárido em Tela conta com a parceria do Centro de Educação Popular (Cenep), onde são realizadas as oficinas, e o apoio da Prefeitura Municipal de Nova Palmeira, representada pela Secretaria de Educação, Cultura e Desportes.



MOSTRA SEMIÁRIDO EM TELA
O cinema aproxima a ciência da população

Exibição de filmes produzidos pelos moradores

01 de dezembro de 2013

18h - Praça de Eventos O Cirilão

Nova Palmeira - PB

BRASIL
PAÍS ALICADO E PAÍS SEM FOME

INSA
INSTITUTO NACIONAL DO SEMIÁRIDO

Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação

Cine Mandacaru

Audiência pública no Senado discute convivência com a seca

Encontrar as soluções tecnológicas mais adequadas à convivência do Semiárido brasileiro com os períodos de estiagem prolongada, bem como de pós-seca, é uma das preocupações da Comissão de Desenvolvimento Regional e Turismo (CDR) do Senado Federal, que na manhã desta quarta-feira, dia 20, promoveu audiência pública para discutir o tema. A reunião atende a requerimentos do presidente do colegiado, senador Antonio Carlos Valadares (PSB-SE), e da senadora Lídice da Mata (PSB-BA). Durante a audiência pública, senadores, especialistas e representantes de organismos governamentais que se dedicam ao estudo de técnicas que possam minimizar os efeitos da seca cobraram uma política de estado que privilegie medidas de natureza não emergencial, mas estruturantes.

Foram convidados especialistas e representantes de organismos governamentais que se dedicam ao estudo de

técnicas que possam minimizar os efeitos da seca, a exemplo da que ocorre este ano, considerada a maior dos últimos 50 anos. Estima-se que mais de um milhão de bovinos morreram de fome e sede.

Participaram da audiência o diretor do Instituto Nacional de Semiárido (Insa/MCTI), Ignacio Hernán Salcedo; o presidente da Companhia de Desenvolvimento dos Vales do São Francisco e do Parnaíba (Codevasf), Elmo Vaz Bastos de Matos; a representante do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), Raquel Pontes; e o pesquisador da Embrapa Semiárido, Jose Nilton Moreira.

Autora do requerimento para realização da audiência pública, a senadora Lídice da Mata (PSB-BA) afirmou que a garantia de uma convivência equilibrada e sustentável com a seca passa principalmente por políticas públicas mais consistentes para o Nordeste. Segundo ela, as ações e medidas que vêm sendo debatidas e aplicadas na região têm caráter exclusivamente emergencial.



Diretor do Insa durante audiência

Crédito Foto: Pedro França/Agência Senado

PROJETOS PARA O SEMIÁRIDO

A região do Semiárido brasileiro corresponde a uma área de quase um milhão de quilômetros quadrados — maior que o estado do Mato Grosso —, onde vivem 22 milhões de brasileiros espalhados por 1.133 municípios. A seca que prejudica lavouras e atrapalha a produtividade na região é considerada a pior dos últimos 50 anos. Representantes da Embrapa Semiárido e do Instituto Nacional do Semiárido (Insa), Unidade de Pesquisa do Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação (MCTI), apresentaram alguns projetos que vêm sendo empregados para garantir a produção agrícola sustentável no Nordeste, como o aproveitamento da água da chuva para irrigação e o incentivo a métodos produtivos por enxerto.

O superintendente da Sudene, Paes Landim, observou que bons projetos, estudos e iniciativas se acumulam e citou exemplos de áreas com baixo índice pluviométrico como Israel, Qatar e parte da Califórnia (EUA) que conseguiram superar o problema de baixa produtividade. Ele afirmou que o problema, na verdade, é a falta de vontade política.



Senadores e representantes de instituições discutem projetos para o Semiárido

“As soluções técnicas já foram apontadas, mas estamos na mesmice, quando as soluções já foram apontadas há muito tempo. Diagnósticos, estudos, pesquisas e caminhos nós temos à vontade, falta vontade de percorrê-los”, disse Paes Landim.

* Com informações da Agência Senado

Crédito Foto: Pedro França/Agência Senado



Crédito Foto Claudio Souza

Agricultores e pesquisadores compartilham conhecimentos agroecológicos

Encontro reúne famílias produtoras de conhecimento agroecológico em Tianguá (CE)

Na manhã da última quinta-feira (14), dez famílias do município de Tianguá (CE) que desenvolvem experiências produtivas sustentáveis no Semiárido se reuniram na sede do Sindicato de Trabalhadoras e Trabalhadores Rurais de Tianguá para partilhar suas experiências e dialogar sobre as relações de gênero no contexto da prática agroecológica.

Essas famílias são protagonistas de uma pesquisa científica realizada pela Escola de Formação Política e Cidadania (ESPAF), em parceria com a Articulação do Semiárido Brasileiro (ASA) e o Instituto Nacional do Semiárido (Insa/MCTI), com duração de três anos, iniciada em 2013, que busca avaliar e dar visibilidade aos impactos positivos dessas técnicas na conservação da biodiversidade e na segurança alimentar.

No primeiro momento, Claudio Silva, responsável pela realização da pesquisa, apresentou características do Semiárido brasileiro, explicando o ciclo da água. Falou também da predominância da agricultura, pecuária e extrativismo feito de forma convencional que torna este espaço mais seco pela diminuição de árvores e da cobertura do solo.

O agricultor Manoel Francisco, do Assentamento Val Paraíso, interveio demonstrando sua consciência ambiental ao explicar que “nós somos malvados, queima e some muita água porque nós brocamos na beira do rio, não pode brocar, tem que deixar se não a água vai saindo pra riba”, disse.

Aproveitando o ensejo, Manoel do Vale, do Assentamento Nova Esperança, conta seu exemplo: “eu tinha uma roça, broquei, toquei fogo e cavei o chão pra cinza não ir embora, plantei, mas, no terceiro ano vi que tava enfraquecendo, hoje to conseguindo recuperar, não queimo mais, faço cobertura do solo e poda dos cajueiros deixando as folhas no chão”. Claudio seguiu esclarecendo que um grande obstáculo à consolidação de estratégias de convivência com o Semiárido é a concentração de terra, é “muita gente com pouca terra, pouca gente com muita terra”, afirma. Sem direito à terra, agricultoras/es não podem fazer agroflorestas ou qualquer outra forma de agricultura sustentável.

Expôs também que a pesquisa tem um enfoque sistêmico da agricultura familiar, estuda os conhecimentos a partir das experiências em curso, tendo as famílias como protagonistas, traz reconhecimento e visibilidade.

No momento seguinte foi tratado outro aspecto muito importante da convivência com o Semiárido que é o cuidar das relações interpessoais, sobretudo, as relações de gênero. Na oportunidade, dois homens relataram suas experiências de enfrentamento ao machismo no cotidiano.

Cristina Costa, ativista do Movimento Ibiapabano de Mulheres (MIM), conduziu o diálogo com exposição do curta-metragem “Vida Maria”, e propôs um trabalho de grupo para refletir sobre o que homens e mulheres fazem durante o dia, desde o momento que acordam. Como resultado, os grupos apontaram que as mulheres ainda se responsabilizam muito pelas tarefas domésticas e dos

arredores da casa, no cuidado com plantas e pequenos animais, e que os homens cuidam mais da roça e dos animais de maior porte, todavia, acenam para uma perspectiva de mudança nas relações de trabalho no campo. Contam que por participarem de espaços de formação, aprendem outras formas de se relacionar. “Não é fácil não, mas é possível”, diz Luis Doca, do Assentamento Nova Esperança.

Assim, esse que foi o primeiro encontro entre as famílias participantes da pesquisa, encerrou com o sentimento de que é possível conviver bem com o clima semiárido e com o outro gênero.

Texto: Karol Dias (Comunicadora popular da ASA)

Viveiro do Insa produziu 17 mil mudas de árvores nativas e adaptadas ao Semiárido em 2013

Cerca de 10 mil mudas foram doadas em um esforço de recuperação ambiental da Caatinga

Por meio do projeto “Produção de mudas de espécies florestais da Caatinga”, executado no viveiro da Estação Experimental do Instituto Nacional do Semiárido (Insa/MCTI), em 2013, foram produzidas 17 mil mudas de espécies florestais nativas e adaptadas ao Semiárido.

As espécies propagadas no viveiro do Insa são usadas em pesquisas sobre germinação e multiplicação de mudas e ao mesmo tempo distribuídas para promoverem o reflorestamento de áreas degradadas.

João Moreira Macedo, agrônomo do Insa, explica que “muitas espécies nativas do Semiárido estão ameaçadas de extinção pelo desmatamento provocado pela procura da lenha, e por essa razão, ações de reflorestamento só serão bem sucedidas se engajarmos os agricultores”. Para ele o resgate da biodiversidade da Caatinga por meio do reflorestamento só será alcançado quando os agricultores se comprometem a cuidar da área recuperada.

Junto às mudas também foram distribuídos sementes de 17 espécies florestais nativas e exóticas adaptadas para o Semiárido, para atender a solicitação de agricultores, associações comunitárias, escolas, universidades e centros de pesquisa.



Distribuição de mudas para famílias do assentamento Vitória, município de Campina Grande (PB). As mudas foram utilizadas pela comunidade para reflorestamento, sistemas agroflorestais e quintais produtivos

SEMENTES MULTIPLICADAS

Espécies florestais nativas:

Aroeira (*Myracrodruon urundeuva*)
Angico (*Anadenanthera colubrina*)
Canafistula (*Senna spectabilis*)
Cumaru (*Amburana cearensis*)
Mulungu (*Erythrina velutina*)
Sabiá (*Mimosa caesalpinifolia*)
Craibeira (*Tabebuia aurea*)
Feijão-Bravo (*Capparis flexuosa*)
Imburana-de-cambão (*Commiphora leptophloeos*)
Favela-orelha de onça (*Cnidocolus quercifolius*)

Espécies florestais exóticas

Gliricídia (*Gliricidia sepium*)
Algaroba (*Prosopis juliflora*)

Espécie frutífera nativa

Umbu (*Spondia tuberosa*)

Espécies de frutíferas naturalizadas

Pinha (*Annona squamosa*)
Pitanga, (*Eugenia brasiliensis*)
Jaca (*Artocarpus integrifolia*)

Reúso pode assegurar recuperação de áreas degradadas e exploração econômica de madeira e forragem

“Uso de água residuária na recuperação de áreas degradadas utilizando espécies florestais com potencial madeireiro”, é com este título que um projeto desenvolvido há mais de 1 ano por pesquisadores do Instituto Nacional do Semiárido (Insa/MCTI) avalia a viabilidade do uso de águas residuárias de origem doméstica na recuperação de áreas degradadas, utilizando espécies florestais nativas da Caatinga com potencial madeireiro.

O projeto vem sendo desenvolvido em escala piloto na sede do Insa, no município de Campina Grande (PB). O experimento foi implantado em outubro de 2012, utilizando cinco espécies nativas da Caatinga, adquiridas por meio de parceria com a Prefeitura de João Pessoa (PB) e do viveiro de mudas do SESC/PB. No total, foram plantadas 600 mudas de Aroeira branca (*Astroniumurundeuva* – Allemão – Engl.), Ipê roxo (*Tabebuia avellanedae*), Braúna (*Schinopsis brasiliensis* Engl), Catingueira (*Caesalpinia pyramidalise*) e Freijó (*Cordia trichotoma*).

O objetivo do experimento é avaliar o potencial do uso de água residuária de origem doméstica na irrigação deficitária, em espécies florestais nativas da Caatinga, cultivadas em área degradada.

As espécies são mantidas com irrigação deficitária, utilizando água residuária de origem doméstica, proveniente de uma estação de tratamento de esgoto (ETE), também localizada na sede do Instituto. Entre outros aspectos, são estudadas variáveis de crescimento em função da aplicação de diferentes lâminas e frequências de irrigação.

Após um ano de plantio, acompanhamento e análise, os resultados do projeto demonstram que a taxa de sobrevivência para todas as espécies investigadas esteve acima de 90%. Apontam que as espécies que apresentaram os maiores desempenhos foram o Ipê Roxo e o Freijó, alcançando em média de 1,60 e 1,10m de altura, respectivamente. Há cerca de 3 meses, outro ensaio experimental foi instalado na sede do Insa, desta vez com o objetivo de avaliar a contribuição do uso de água residuária em sistema agroflorestal (palma forrageira, aroeira e sabiá) como estratégias de recuperação de áreas degradadas e produção de forragem e madeira.

O sistema agroflorestal constitui de 1560 raquetes de palma forrageira (orelha de elefante mexicana: *Opuntia* sp.) consorciadas com 195 mudas de 2 espécies nativas da Caatinga com potencial madeireiro, Aroeira branca (*Astroniumurundeuva* Engl.) e Sabiá (*Mimosa caesalpiniaefolia*). As espécies estão sendo mantidas com irrigação deficitária, utilizando água residuária de origem doméstica.

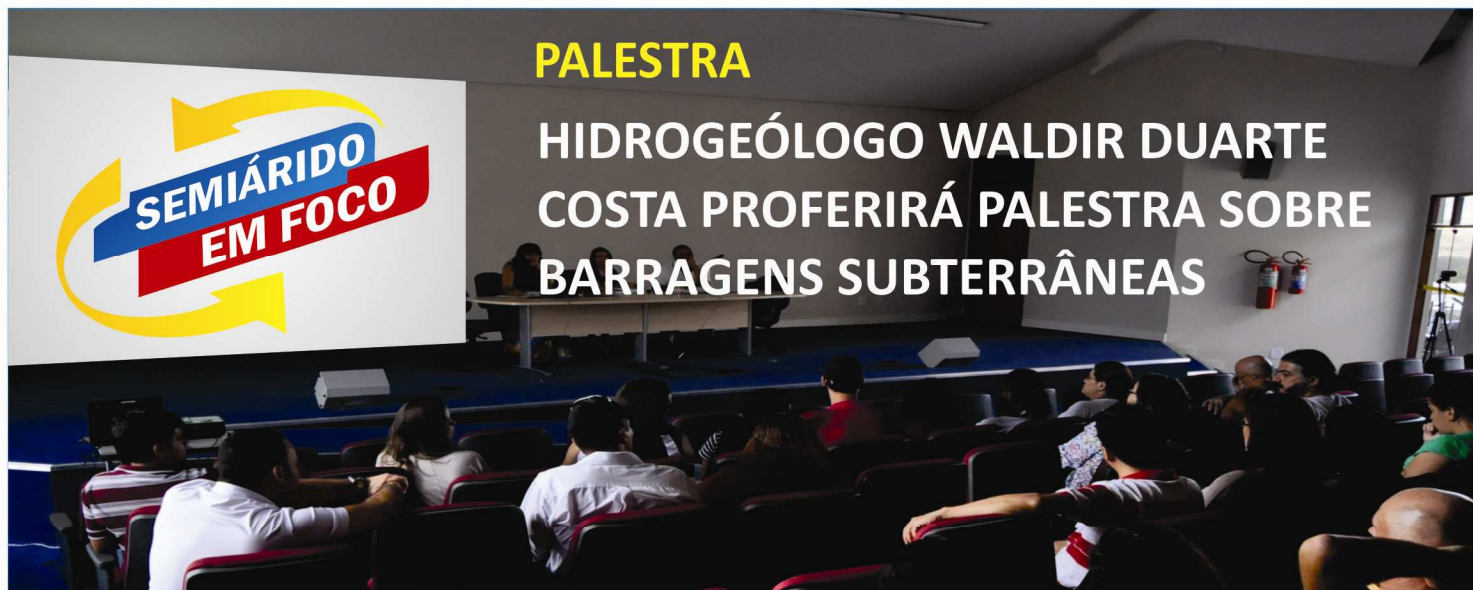
As observações iniciais apontam para um excelente desempenho do sistema agroflorestal, visto que para a espécie madeireira sabiá a altura média em três meses alcançou 60cm e o número de raquetes de palma emitidas alcançou 4 unidades.



Experimento com reúso em área degradada de Campina Grande (PB)

PALESTRA

HIDROGEÓLOGO WALDIR DUARTE COSTA PROFERIRÁ PALESTRA SOBRE BARRAGENS SUBTERRÂNEAS



TRANSMISSÃO AO VIVO ATRAVÉS DO SITE

www.insa.gov.br/semiaridoemfoco

TODA SEXTA | 14 HORAS | SEDE DO INSA

Na próxima sexta-feira, dia 22, o Semiárido em Foco terá palestra sobre o tema barragens subterrâneas, a ser proferida pelo hidrogeólogo Waldir Duarte Costa. O programa Semiárido em Foco realiza atividades todas as sextas-feiras, às 14h, na sede do Instituto Nacional do Semiárido (Insa/MCTI), em Campina Grande (PB), e tem transmissão ao vivo pelo site www.insa.gov.br/semiaridoemfoco

Barragem subterrânea é uma tecnologia alternativa de captação e armazenamento da água de chuva no interior do solo, caracterizada pela interceptação da água subterrânea, por meio de um obstáculo colocado abaixo do solo que proporciona o acúmulo deste recurso natural.

Durante a palestra, serão debatidos os temas: histórico, tipos de barragens subterrâneas, critérios para a locação, pesquisa de áreas aluviais, construção de uma barragem, acumulação de água, custos de construção, vantagens sobre outras obras e estudos de casos.

CONHEÇA O PALESTRANTE

Waldir Duarte Costa é formado em Geologia (1962), possui pós-graduação em hidrogeologia (mestrado em 1977 e doutorado em 1986), foi professor titular (na graduação e na pós-graduação) do curso de Geologia da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) de 1963 a 1992. É membro da Academia Pernambucana de Ciências, Diretor-Presidente da COSTA-Consultoria e Serviços Técnicos e Ambientais Ltda., Ex-Presidente da Associação Brasileira de Águas Subterrâneas (ABAS-1996-1997), Membro decano do Conselho Estadual de Recursos Hídricos de Pernambuco.

EXPEDIENTE:

Governo do Brasil
Presidência da República
Dilma Vana Rousseff
Ministério da Ciência, Tecnologia e Inovação
Marco Antonio Raupp

Instituto Nacional do Semiárido
Insa - MCTI
Diretor
Ignacio Hernán Salcedo

CONTATO: ✉ assessoria@insa.gov.br | ☎ 83.3315.6400 | 📧 @insamct

Assessores Técnicos
Salomão de Sousa Medeiros
Aldrin Martin Perez Marin
Assistente Técnico
Vinícius Sampaio Duarte

Comitê editorial
Jornalista responsável: Catarina Buriti (MTB 3109/PB)
Colaboração: Rodeildo Clemente
Projeto gráfico: Wedsley Melo